

LUÍSA: TRANSGRESSÃO E HISTERIA EM O PRIMO BASÍLIO DE EÇA DE QUEIROZ

Autor (a) (1): Rosilene Felix Mamedes (UFPB- PPGL)

Orientador: Hermano Rodrigues de França (UFPB-PPGL)

RESUMO:

Trazer a discussão sobre a histeria em Luiza, personagem principal de *O primo Basílio* (1878), do escritor lusitano Eça de Queiroz (1845 – 1900), é, antes de tudo, buscar compreender o lugar da mulher em uma sociedade alicerçada nos valores do patriarcado que, de maneira arbitrária, circunscreve o corpo feminino ao espaço doméstico. Nessa perspectiva, questionar esta mulher é entender a sociedade pela óptica do realismo português, tendo como pano de fundo a ascensão da burguesia e a hipocrisia que encobria o escárnio social. Isto posto, propomo-nos analisar a personagem feminina da narrativa em foco, utilizando-nos do aparato teórico da psicanálise, compreendendo, também, os princípios vigentes à época. Pretendemos, ainda, investigar, por meio da categoria da histeria, como Luiza se inscreve ao longo da obra e examinar as suas transgressões como maneira de contestar as amarras impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Realismo Português; Luísa; Eça de Queiroz; Psicanálise; Literatura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender o papel da mulher no século XIX, mais precisamente, no ano de 1878, período este que na literatura estava alicerçada no Realismo-naturalismo, que tinha como principal característica retratar a realidade da sociedade, descortinando as suas chagas sociais. Neste momento, estávamos em um processo de burguesia capitalista decadente, e ao mesmo tempo a instituição família e, conseqüentemente, o casamento, passou a ser alvo de críticas de autores desse período literário. Dessa forma, Eça de Queiroz propõe, com a Obra do Primo Basílio, trazer à tona a chaga social da Instituição Família- Casamento, como forma de demonstrar a hipocrisia vivenciada pela sociedade burguesa e seus costumes. De um lado há os costumes socialmente cristalizando por uma sociedade tradicional e patriarcal, em que a mulher era tida como inferior ao homem, como cuidadora do lar e da família. No Primo Basílio há o retrato da futilidade dos costumes da sociedade de Lisboa.

Indo de encontro ao Romantismo, no Realismo o sentimentalismo, no Primo Basílio, dá vasão ao adultério, vivenciado pela personagem Luísa e o triângulo amoroso entre seu primo Basílio, seu primeiro amor, e seu atual esposo Jorge, um burguês proletariado que faz

parte de uma sociedade lisboeta decadente, em Portugal. Assim, por meio da personagem Luísa, da obra Primo Basílio, do realismo Português, de Eça de Queiroz. Para isso, iremos adentrar a condição psicanalítica do ser mulher, em meio a uma sociedade patriarcal, com valores e interditos estabelecidos que oprimiam as mulheres em sua totalidade feminina.

Dessa forma, pensar nesta personagem é antes de tudo, voltar ao período do realismo português, procurando entender suas características sócio-históricas e desnudando a personagem- Luísa- de valores morais e convencionais para a época. Além de ser uma crítica social este trabalho pretende trazer a discussão na Literatura a partir do conceito psicanalítico da histeria em Luíza, da obra o Primo Basílio, é antes de tudo buscar compreender o papel da mulher, em uma sociedade patriarcalista, em que a sua função era limitada às convenções sociais. Dessa forma, discutir esta mulher é entender a sociedade pela óptica do realismo português, tendo como pano de fundo a ascensão da burguesia e a hipocrisia que encobria o escárnio social.

Assim, este trabalho terá como **objetivo geral**: Analisar a personagem feminina da obra por meio da Psicanálise, compreendendo os valores da época e o papel da mulher na sociedade. Como **objetivos específicos**: elegemos para este trabalho: entender a transgressão da Luísa e como esta se configura em uma sociedade patriarcal; Investigar por meio da categoria da histeria como a Luísa se delineia ao longo da obra; identificar o papel da Luísa no triângulo amoroso. Para isso, iremos usar como Teoria da Psicanálise para compreender como esta personagem transgressora retrata o papel e o simbolismo do Ser mulher em Portugal, no período do realismo Português.

LITERATURA E PSICANÁLISE

Paralelamente ao crescimento das ciências, juntamente com as suas contribuições para a humanidade, eis que começaremos a discutir o impacto da Literatura, não apenas como arte, mas como esta representa o reflexo do cotidiano humano. É por ela que conseguimos descrever não apenas o tempo sincrônico mas, também o diacrônico de uma dada sociedade ou ciência. A Literatura se constitui de diversas formas, ora singularizada pelas belezas das suas construções e métricas, ora pluralizada representando as “formais plurais” de um povo, raça, gênero, ou simplesmente, na simplicidade da construção do repente popular ou do

cordel. Em todas as suas formas a Literatura, por verossimilhança, representa o seu povo, sendo representação da realidade, seja real ou fictícia, além de ser:

[...] por ela que tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. Pois a língua que se aprende nas relações quotidianas com os pais e amigos só serve para agir: perguntar, responder, para viver. Em suma, só com alguma coisa como literatura (mesmo que tenha sido oral nas eras e civilizações sem escrita) que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.12)

Dessa forma, a Literatura é uma das formas de se representar e de se retratar não apenas uma sociedade, mas o homem em sua mais genuína essência. Assim, ao tentar desconstruir o conceito da estranheza dos formalistas russos, BELLEMIN-NOEL (2003, p. 13) tenta conceituar a Literatura como “escrita imaginativa” de caráter fictícios, não sendo “literalmente verídica”. Assim, buscando definir Literatura, Bellemin-Noel se questiona a despeito da distinção entre fato e ficção, uma vez que “a própria definição é muitas vezes questionáveis”. Em outras palavras, conceituar a Literatura não é uma das tarefas das mais fáceis, pois se “a Literatura inclui muito da escrita factual, também exclui uma boa margem de ficção” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 02).

Ademais,

Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribuiu consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.13)

Concordamos com o autor que todo texto é inacabado, é dialético com o meio que ele foi escrito, e, sobretudo, com a consciência e a inconsciência, com o dito e o que não foi dito. Em Literatura nem tudo que foi dito é essencialmente verdade, e nem tão pouco apenas fictício, há uma constante interação entre o sujeito, seu consciente e inconsciente. Por este motivo, é frutífero buscar a compreensão humana a partir da Literatura que é reflexo da sociedade. Neste sentido,

A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos quer constroem o psiquismo profundo, e modelos de decifração. Se o corpo dos textos e o instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra instrumentos de investigação), é preciso não perder de vista que a visão do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos leituras. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 13)

Neste sentido unir a Literatura à Psicanálise é buscar compreender o homem por meio da escrita, uma vez que a literatura é a mimese dos homens que agem (ARISTÓTELES, 2017). Com efeito, como a literatura é a mimese do homem em Primo Basílio o Eça de Queiroz ao representar os homens da sociedade lisboeta procura fazer uma crítica a sujeitos desprovidos de valores morais, dos quais eram refletidos por uma sociedade burguesa em decadência, assim, a família, como parte dessa sociedade, também era vista como decadente, sendo mostrada na obra a partir de personagens de valores controversos, é, assim, com Luísa, personagem protagonista de um triângulo amoroso que coloca em cheque a Instituição família x casamento.

Agregadas às discussões do arcabouço da Psicanálise trazemos, para esse debate, as contribuições sobre a linguagem, uma vez que teremos como corpus diários pessoais e as subjetividades que plasmam em suas linhas. Assim, na mesma época que nascia a psicanálise surgiam outras discussões na busca de se entender características humanas, sobretudo, a linguagem. Em confronto com a Psicanálise e os conceitos do inconsciente de Freud, traçaremos uma breve discussão para situar os estudos da linguagem (BAKHTIN, 2006) em o Marxismo da Linguagem, segundo este autor, o social é o lugar onde há a materialização da linguagem, ou seja, para ele “é na linguagem e pela linguagem que as relações sociais se estabelecem”(2006, p. 112). Uma das maiores contribuições para o estudo da Linguagem foi dada por Bakhtin (2006), que concebe a linguagem como lugar de interação social, onde a linguagem “reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (2006, p.31). Este conceito de dialética social também é colocado no campo da filosofia, conceito este que em alguns momentos se aproximam da Psicanálise.

Lacan (1946, p.183),

O próprio desejo do homem constitui-se, diz-nos ele [Hegel], sob o signo da mediação: ele é desejo de fazer seu próprio desejo reconhecido. Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido de que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que transparece em suas necessidades mais primitivas (...), e que encontramos em todo o desenvolvimento de sua satisfação, a partir do conflito do mestre/senhor e do escravo, através de toda a dialética do trabalho. Essa dialética, que é a do próprio ser do homem, deve realizar numa série de crises a síntese de sua particularidade e sua universalidade, chegando a universalizar essa particularidade mesma.

Dessa forma, para Lacan, o que o homem deseja está inserido nas suas vontades a partir dos significados impostos socialmente, assim, mesmo a sua individualidade parte da

universalidade. Em outras palavras, os nossos desejos são reconhecidos a partir de outros desejos sociais que são colocados ora como atraentes para os nossos olhos, ora como necessários e urgentes para as nossas aquisições de consumo.

O PRIMO BASÍLIO: REALISMO OU NATURALISMO?

A obra do Primo Basílio faz parte cronologicamente do Realismo – Naturalismo Português, em que ainda possui resquícios do Romantismo. Sua receptividade no Brasil foi tão impactante quanto em Portugal, tendo em vista que esta obra representou uma quebra de paradigmas em ambos os países, uma vez que:

O fato de O Primo Basílio representar uma novidade literária, trajando-se com um figurino parisiense adaptado à língua portuguesa, não se traduziu em opiniões consensuais acerca da narrativa, sobretudo a partir dos críticos que se manifestaram sobre ela, e isso aumentou a evidência do romance – muito do volume da circulação da trama eciana no Brasil pode ser atribuído ao barulho causado pela crítica, que não se posicionou de forma unânime: houve quem refutasse a obra publicamente, ao passo que se podem encontrar exemplos de intelectuais que se pronunciaram favoráveis à renovação do estilo literário que Eça pôs em prática. (RAZERA, 2016, p. 30)

Com o impacto da obra de O Primo Basílio na sociedade brasileira, segundo Razera (2016),

(...) é possível afirmar que direta ou indiretamente, essa novidade forçou autores bem estabelecidos a reformular o modelo das suas produções literárias, impondo uma mudança de rota à literatura de ficção produzida após O Primo Basílio. (RAZERA, 2016, p. 31)

A partir da afirmativa acima constatamos o impacto da obra do Primo Basílio em Eça de Queiroz, no Brasil, de modo a influenciar a escrita e os autores locais, do movimento do Realismo, como por exemplo, Machado de Assis e outros que tiveram que se moldar aos novos preceitos do impacto causado pelo Primo Basílio.

Nesta obra temos as mudanças nos costumes sociais e a crítica a sociedade burguesa decadente, especialmente, para que isso fosse representado, temos o triângulo amoroso vivido por Basílio- Luísa- Jorge, que só ao iniciar a narrativa, ela revive suas memórias com o seu antigo namorado, Basílio, mesmo já estando casada com Jorge e fazendo parte de uma parte da burguesia, que a via como uma mulher exemplar. A partir do retorno do seu primo e da viagem do seu marido, ela retoma o relacionamento amoroso com Basílio, seu primo, de modo despuadorado, desde o início deste recomeço, a Luisa se mostra, fora do seu tempo,

como uma mulher transgressora, psicanaliticamente histórica, conforme iremos analisar a partir dos teóricos Násio e Freud do próximo tópico.

LUÍSA: UMA REPRESENTAÇÃO DE UMA HISTÉRICA TRANSGRESSORA NA LITERATURA PELO VIÉS DA HISTERIA

Pensar Luísa de Eça de Queiroz é desnudar a mulher burguesa, embora haja fragmentos na obra que mostre o olhar do homem português sobre a Lisboa e seus costumes tradicionais em ruína. Assim, para ilustrar o conceito da Instituição do casamento, que também se encontrava em ruína, assim, como a sociedade e seus costumes e valores.

Para Freud suas “experiências têm demonstrado que os mais variados sintomas que são ostensivamente espontâneos e, como se poderia dizer, produtos idiopáticos da histeria estão estritamente relacionados com o trauma desencadeador. Com grande frequência é algum fato da infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave que persiste durante os anos subsequente”. “Em outros casos a conexão causal não é tão simples...consiste apenas no eu podemos denominar de relação simbólica”.¹

Casaram às oito horas, numa manhã de nevoeiro. Foi necessário acender luz para lhe pôr a coroa e o véu de tule. Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo — onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos. Os sapatos de cetim apertavam-na. Sentia-se enjoada da madrugada, fora necessário fazer-lhe chá verde muito forte. E tão cansada à noite naquela casa nova, depois de desfazer os seus baús! Quando Jorge apagou a vela, com um sopro trêmulo, os luminosos faiscavam, corriam-lhe diante dos olhos. Mas era o seu marido, era novo, era forte, era alegre; pôs-se a adorá-lo. (QUEIROZ, p.19)

Neste momento a Luísa representa a tradicional mulher portuguesa subserviente aos costumes e a instituição do casamento, onde a mulher é submissa às normas e as imposições sociais. Com o regresso do Primo Basílio, a mulher tradicional, representada por Luísa passa a se render ao seu primeiro amor, que sofreu um interdito com o término do relacionamento, em que a Luísa foi “abandonada”, causando-lhe, assim, traumas que reverberaram .

Ao saber do regresso de Basílio, por uma notícia de jornal, a Luísa passou a vivenciar as lembranças saudosas do seu amor. Como podemos perceber no fragmento abaixo:

¹ Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901])

— Ah! — fez Luísa de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo. — Que é? — É o primo Basílio que chega! — E leu alto, logo: — "Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o Sr. Basílio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. Sua Excelência que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de Sua Excelência que são numerosos." — E são! — disse Luísa, muito convencida. (QUEIROZ, p.16)

Este fato de rememorar fatos ocorridos no passado segundo Nasio é “quando conseguimos trazer com clareza a lembrança do fato que o havia provocado é despertar o afeto que o acompanhara ...” e quando o “paciente” havia descrito esse afeto com o maior número de detalhes possíveis e traduzido o afeto em palavras.”²

Ressaltamos que este fator permeia muitos momentos da obra do Primo Basílio. A Luísa revive com afetividades suas lembranças.

O histérico nunca percebe seus próprios objetos internos ou externos... Ele transforma sua realidade material, numa fantasiada: numa palavra histeriza o mundo. Ele procura no outro o poder que o subjuga ou a impotência que o atrai e o desaponta...ele “inventa e cria aquilo que percebe. Instala no corpo do outro, um novo corpo, tão literalmente intenso e fantástico quanto o é o próprio corpo histérico. (NASIO, p.17)

Há de se levar em conta a representação que O Primo Basílio tem para Luísa, de modo a representar, no seu passado, pela promessas de casamento, que foi interdito pelo abono. Lembrando que O Primo Basílio comparece na vida da Luísa para cumprir a falta (do passado). Como seu regresso ele representa a possibilidade de uma vida fora dos padrões sociais, uma vez que Basílio, e sua posição, que aparentemente ele ostenta, possibilitaria a fuga da vida insatisfeita da Luísa (eu –insatisfeito) – grande drama do histérico.

A teoria de Freud acredita que nossa história de vida nos constitui e, inclusive, nossos traumas na infância, principalmente, são fontes dos nossos problemas de hoje. Tudo o que vivemos é registrado pelo nosso cérebro, mas não recordamos tudo, entretanto, é guardado no nosso inconsciente. Por este inconsciente pode eclodirem situações que são refratada, no momento atual, de formas positivas ou negativas.

Assim,

(...) se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em

² FRAGMENTO DA ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA (1905[1901])

conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913-1914], p.47/48).

Nessa citação de Freud imprime muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes (conceitos de Bakhtin e Lacan)

O primeiro contato de Luísa com Basílio dar-se de modo a resgatar este sentimento e desejo que foi interdito.

Luísa estava de pé. O olhar de Basílio corria-lhe as linhas do corpo; e com a voz muito íntima, os cotovelos sobre os joelhos, o rosto erguido para ela: — Mas, francamente, dize cá, pensaste que eu te viria ver? — Ora essa! Realmente, se não viesses zangava-me. Es o meu único parente... O que tenho pena é que meu marido não esteja... — Eu — acudiu Basílio — foi justamente por ele não estar... Luísa fez-se escarlate. Basílio emendou logo, um pouco corado também: — Quero dizer... talvez ele saiba que houve entre nós... Ela interrompeu: — Tolices! Éramos duas crianças. Onde isso vai! — Eu tinha vinte e sete anos — observou ele, curvando-se. (QUEIROZ, p. 56)

Após o primeiro encontro a relação entre os dois é reatada, dando início ao Jogo de sedução, envolvimento e dissimulação, de uma mulher infiel, dissimulada que está disposta a vivenciar o seu amor e seus desejos. Vale salientar, que a Luísa só passa a se relacionar quando o seu marido, Jorge, viaja a trabalho, e, sem que houvesse alguma intimidação pela sua condição de mulher burguesa. Dando sequência aos encontros amorosos, ela sem nenhum pudor começa a receber o amante em sua casa, depois o Primo Basílio encontra um lugar para que os encontros tenham mais privacidade. A este lugar ele dá o nome de Paraíso, há de levarmos em consideração que este lugar era um casebre sujo longe da distante da cidade, assim, criando a fantasia do termo “paraíso” com a realidade.

Assim, dar-se-ão os encontros que logo mais deixaram de serem tão secretos, pois como vira uma rotina, aos poucos a Juliana, a empregada da casa descobre, e passa a chantagear à Luísa, extorquindo-a e passando a obrigá-la a fazer os serviços domésticos. Tempos depois, para encobrir o seu caso amoroso, ela também envolve outras pessoas, como por exemplo, o Sebastião que a tinha como mulher honesta e digna.

Primeira ida ao Paraíso:

Basílio esperava-a deitado na cama, em mangas de camisa; para não se enfasiar, só, tinha trazido para o Paraíso uma garrafa de conhaque, açúcar, limões — e com a porta entreaberta fumava, fazendo grogues frios. O tempo arrastava-se; via a todo o momento as horas, e sem querer ia escutando, notando os ruídos íntimos da família

da proprietária que vivia nos quartos interiores: a rabugem de uma criança, uma voz acatarroada que ralhava, e de repente uma cadelinha que começava a ladrar furiosa. Basílio achava aquilo burguês e reles; impacientava-se. Mas um frufu de vestido roçava a escada e os tédios dele, bem como os receios dela, dissipavam-se logo no calor dos primeiros beijos. Luísa vinha sempre com pressa; queria estar em casa às cinco horas, e era um estirão depois! Entrava um pouco suada, e Basílio gostava da transpiraçãozinha tépida que havia nos seus ombros nus. (QUEIROZ, p.148)

Aos poucos o que excitante para Basílio virou algo comum, e mais uma vez ele o abandona, gerando, assim, o segundo trauma em Luísa. Com o passar dos dias, o seu esposo Jorge regressa e a encontra sendo chantageada pela Juliana – a empregada da casa- que passa a obrigar a patroa a fazer os serviços domésticos.

Luísa tinha-lhe pedido que fosse de vez em quando aos domingos à sua casa, passar a noite; viriam Sebastião, o Conselheiro, D. Felicidade quando estivesse melhor; era uma alegria para ela, e depois dava às suas relações um ar mais parente, mais legítimo. Mas Basílio pulou: — O quê! Ir cabecear de sono com quatro caturras... Ah! Não!... — Mas conversa-se, faz-se música... — Merci! Conheço-a, a música das soirées de Lisboa! A Valsa do Beijo e o Trovador. Safa! (QUEIROZ, p.149)

É importante destacar que a Luísa ao longo do relacionamento com Basílio têm lembranças de Jorge, de como ele é bom, mas não se culpa, o seu sofrimento vem das chantagens realizadas pela doméstica e pelo segundo abandono de Basílio.

Com o regresso de Jorge tudo havia mudado, como podemos ver na citação:

Jorge estranhava-a. "Tu de noite és outra", dizia. Chamava-lhe "ave noturna". Ela ria em saia branca pelo quarto, com os braços nus, o colo nu, o cabelo num rolo; e passarinhava, cantarolava, chalrava — até que Jorge lhe dizia: — Passa da uma hora, filha! Despia-se então rapidamente, caía-lhe nos braços. Mas que acordar! Por mais clara que estivesse a manhã, tudo lhe parecia vagamente pardo. A vida sabia-lhe má. Vestia-se devagar, com repugnância — entrando no seu dia como numa prisão. (p.225)

Aos poucos a Luísa converte o seu sofrimento em corpo adoecido, vai definhando até adoecer e vir a óbito, no desfecho da obra. “Luísa, no entanto, passava pior: tinha de repente, sem razão, febres efêmeras; emagrecia, e as suas melancolias torturavam Jorge. Ela explicava tudo pelo nervoso. (p.244)

Pela Psicanálise a personagem Luísa é uma clássica histérica por ter em suas características identificações com os sintomas apontados por Nasio. Dessa forma,

O histérico nunca percebe seus próprios objetos internos ou externos... Ele transforma sua realidade material, numa fantasiada: numa palavra histeriza o

mundo. Ele procura no outro o poder que o subjuga ou a impotência que o atrai e o desaponta...ele “inventa e cria aquilo que percebe. Instala no corpo do outro, um novo corpo, tão literalmente intenso e fantástico quanto o é o próprio corpo histórico”. (NASIO, 1991, p.17)

Além disso, segundo o mesmo autor, O histórico mesmo vivendo uma realidade carnal aparentemente feliz com um homem, a histórica pode se recusar a se abrir-quase que sem sabê-lo, mas resolutamente- para presença sexual do corpo do outro. Assim, o **paradoxo sexual do histórico está entre a “aversão, um verdadeiro nojo a qualquer contato carnal ou na necessidade sexual excessiva”**(1991, p.45), tendo, assim, o desejo incontrolável pelo sexo sem ser saciado. Assim, conforme Nasio, o sofrimento da Luísa está em um “sofrer segundo o modo histórico é sofrer conscientemente no corpo, ou seja, converter o gozo inconsciente e intolerável num sofrimento corporal” (1991, p.21)

Assim, no regresso de Basílio temos a visita de Luísa ao passado, por meio das lembranças, revirando, assim, o seu trauma, “quando conseguimos trazer com clareza a lembrança do fato que o havia provocado é despertar o afeto que o acompanhara ...” e quando o “paciente” havia descrito esse afeto com o maior número de detalhes possíveis e traduzido o afeto em palavras.³

Este fator permeia muitos momentos da obra do Primo Basílio. A Luísa revive com afetividades suas lembranças. Reação ao trauma do segundo abandono:

“pelo termo reação compreende-se aqui toda a classe de reflexo voluntários e involuntários -das lágrimas aos atos de vingança, nos quais como experiência , nos mostra os afetos são descarregados. Quando essas reações ocorrem e graus suficientes, grande parte do afeto desaparece como resultado” (p.39)

Assim, para Luísa, nos dois momentos o abandono foi “Ofensa sofrida em silêncio, para linguagem é uma mortificação” (p.39). De acordo com Nasio “O histórico impõe em sua relação afetiva com o outro a lógica doentia de sua fantasia inconsciente. Sendo ele o sujeito que desempenha o papel de vítima insatisfeita e infeliz. Esse estado nomina a vida no neurótico. (1991, p 14)

³ Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901])

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Luísa encontramos dois momentos marcantes, no qual ainda aos 18 anos Basílio a prometeu casamento, fazendo com que a figura do primo Basílio comparecesse na vida da Luísa para cumprir a falta (do passado), e no seu regresso, projetando, assim, nela, a sensação da libertação da vida burguesa que não a agradava. Dessa forma, Basílio com dinheiro possibilita a fuga da vida insatisfeita da Luísa (eu –insatisfeito) – grande drama do histórico.

De acordo com Nasio (1991) a Luísa é um ser histórico, sobretudo, um se de medo, que para atenuar suas angústias, vive de fantasias, vivendo em um estado “ETERNO DE INSATISFAÇÃO” (NASIO, 1991, p.17). Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

Já no que tange ao período histórico a Luísa é uma personagem que representa a clássica burguesia, que vivia de aparências, infeliz, encobertas de faltas e falhas de caráter. Dessa forma, é assim que o Eça de Queiroz desenha a Luísa, uma personagem transgressora, dissimulada, manipuladora, em que encena o tempo todo e envolve os demais em seus jogos teatrais.

Trazer o debate de uma personagem como a Luísa, para o contexto de sala de aula, é fazer com os alunos percebam que em todos os tempos, em todas as épocas houve mulheres que transgrediam os seus costumes, em nome do que acreditavam ser seu de direito, seja suas mentes pensantes, seus corpos, e, sobretudo, na luta pelo seu lugar. É bem verdade, que no período da burguesia, estávamos em uma sociedade patriarcal, com uma burguesia cadentes, que vivia de aparências, mas, a Luísa veio para desnudar a sociedade de uma aparência que empoeirada pronta para virar a página, e iniciar um nova época. Dessa forma, este é a melhor forma de pensar a literatura, como reflexo da sociedade, e, sobretudo, da humanidade, seja, “ homem ou mulher, transcrita pela arte literária de se retratar e transcrever a singularidade de um recorte temporal. Atrair isso à Psicanálise, é buscar compreender a singularidade desse ser tão antagônico que é a Mulher.

REFERÊNCIAS

ARITÓTELES. **Poética**. 2ª edição. Edição bilíngüe; Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro- São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: Adolescência: uma interpretação psicanalítica/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1983-1985)**. São Paulo, Companhia da Letras, 2010.

_____. (1913 [1912-13]) **Totem e tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

NASIO, J ... o. , A histeria : **teoria e clínica psicanalítica**. Tradução, Vera Ribeiro. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1991.

RAZERA, Gisélle O Brasil e o "brasileiro" em "O Primo Basílio": **análise sobre Basílio de Brito** / Gisélle Razera. -- 2016.

LACAN, J. (1960b / 1998). **Posição do inconsciente**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944 — R765d **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.